

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v14.n34.01>

Linguística Forense e o caso *The Unabomber*: pistas e investigações em Linguística Aplicada

Forensic Linguistics and The Unabomber case: clues and investigations in Applied Linguistics

Fernando Silvério de Lima*
Mariana Ferreira de Fuccio**

Resumo: O artigo tem como proposta problematizar a área da Linguística Forense (LF) e os seus objetos de estudo. Tomando como base a transdisciplinaridade que caracteriza a Linguística Aplicada e considerando a intensa relação entre diversas áreas do saber para o estudo da linguagem em relação ao contexto investigativo, a LF pesquisa e atua em investigações criminais e no campo da Linguagem e do Direito, no auxílio linguístico na produção e interpretação de leis, nos estudos de casos e nas interações em contextos legais. Além disso, também será exposto o estudo do famoso caso do terrorista norte-americano *The Unabomber* que foi solucionado por meio da evidência linguística, tornando-se um exemplo emblemático na história da LF e contribuindo para sua divulgação científica.

Palavras-chave: Linguística Forense. Linguística Aplicada. Caso The Unabomber. Ted Kaczynski. Investigação.

Abstract: The paper aims at discussing the field of Forensic Linguistics (FL) and its research objects. Based on the transdisciplinarity that characterizes Applied Linguistics and considering the intense relationship among several fields for the study of language in relation to the investigative context, FL researches and works on criminal investigations and in the field of Language and the Law, providing linguistic support in the elaboration and interpretation of laws, in the study of cases and interaction in legal contexts. Moreover, the infamous case of the north-american ecoterrorist *The Unabomber* will be detailed, a case which was solved through linguistics evidence, becoming an emblematic example in the history of FL and its scientific divulgation.

Keywords: Forensic Linguistics. Applied Linguistics. The Unabomber case. Ted Kaczynski. Investigation.

* Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

** Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Introdução

Tomando como partida os conceitos de língua e linguagem, entendendo-os como principal ferramenta para organização da vida em sociedade, ou seja, entendendo que todos os ambientes ocupados pelos seres humanos são construídos pela linguagem na elaboração de conceitos e enunciados que originam o mundo tal como conhecemos – como a política, as relações sociais e a ciência – e que se adequam ao interesse comunitário (ROJO; BARBOSA, 2015), a língua, por sua vez, é compreendida como um mecanismo complexo e sistematizado de expressão da linguagem, na sua forma verbal, e que varia de acordo com o tempo e o espaço dos grupos sociais, tornando possíveis diversas formas e manifestações pela variedade de línguas em uso no mundo.

Com isso, o campo dos estudos da linguagem, que tem como objetivo compreender, sistematizar e comparar a língua em uso em diversos contextos e em diversas situações sociais e institucionais se orienta por objetos distintos. Um exemplo disso é o campo da Linguística Aplicada (LA) (BRITO; GUILHERME, 2013; CAVALCANTI; SIGNORINI, 1998; CELANI, 1992, 1998; CELANI; PASCHOAL, 1992; MENEZES; SILVA, GOMES, 2009; MOITA LOPES, 1998 2006; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019; PENNYCOOK, 1998; SERRANI, 1990), que trabalha com linguagem em uso dentro de algum contexto específico e complexo, a fim de propor um melhor entendimento daquele contexto e de seus participantes, trazendo possíveis melhorias para o seu funcionamento, isto é, resultando em um fim social significativo naquela conjuntura (MOITA LOPES, 1998).

A Linguística Aplicada tem o seu início em decorrência dos encaminhamentos da Segunda Guerra Mundial e do Pós-guerra, quando houve a necessidade e o interesse ainda maior e imediato de aprender outras línguas, até mesmo como recurso na diplomacia

internacional, entre países, evidenciando um dos limites da Linguística Teórica da época: a ausência de estudos com foco no uso e na interação dos falantes e principalmente sobre os processos de como aprender e ensinar diferentes línguas. Entretanto, sua trajetória histórica mostrou que ela expandiu seus interesses de pesquisa, revelando seu potencial para construir saberes próprios e se tornando cada vez mais interdisciplinar (CELANI, 1992), transdisciplinar (CAVALCANTI; SIGNORINI, 1997), crítica (PENNYCOOK, 1998) e indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) e passou a não se restringir às questões de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. Assim, o objeto de estudo da LA passa a ser definido como a identificação e resolução de problemas linguísticos advindos de um uso particular da língua e de seu caráter social dentro daquele ambiente, que tem como fim social o retorno de seus resultados para o meio e para seus participantes e se configura em estudos transdisciplinares por meio do uso da língua e sua intersecção direta com outros ambientes e outros campos do conhecimento. Ainda que o processo de ensinar e aprender línguas seja uma de suas principais áreas de atuação, a LA se volta também para outros contextos da atividade humana, possibilitando pesquisas contemporâneas cada vez mais diversas.

Portanto, em vista do seu caráter transdisciplinar, um dos campos de pesquisa da LA, é a Linguística Forense (LF) que, de fato, é uma área que estuda questões da linguagem em uso em contextos de investigação (GIBBONS; TURELL, 2008; OLSSON, 2008; COULTHARD; JOHNSON; WRIGHT, 2017), um tema com crescente interesse na LA contemporânea do Brasil (COLARES, 2016; ALMEIDA; COULTHARD; SOUSA-SILVA, 2020; VICHI, 2021), corroborando sua capacidade de não apenas transitar entre diferentes disciplinas, mas atravessar todas elas. Seguindo a metodologia da LA, a LF é a área que tem como objeto o uso da linguagem em dois

contextos específicos, complexos e complementares, o da Lei e o Criminal, obtendo um retorno principal para o auxílio nos processos judiciais e na investigação criminal.

Além disso, a LF se subdivide em três linhas: linguagem e direito, que analisa os fenômenos linguísticos dentro da esfera comunicativa jurídica (leis e contratos) com a finalidade de explicá-los e repará-los; a interação em contextos legais, que avalia a fala-em-interação dentro das delegacias, tribunais, escritórios de advocacias, entre outros, podendo detectar os problemas de linguagem e solucioná-los. E, por fim, a língua como evidência, sendo a investigação criminal e a produção de provas linguísticas como as alternativas para identificar um perfil de autoria criminal. A área de investigação criminal por meio da linguagem é bastante nova e vem crescendo e ampliando os seus horizontes pouco a pouco, tendo em vista que alguns pesquisadores da Linguística Aplicada se dedicam atualmente aos estudos sobre o uso da linguagem no contexto legal, jurídico e criminal.

Assim, o presente artigo tem como principais objetivos apresentar um panorama histórico sobre o campo da Linguística Forense por meio de uma revisão de conceitos propostos nas últimas décadas no Brasil e no exterior, bem como a descrição de um de seus casos mais emblemáticos e que fortaleceu esse campo de atuação e contribuiu para sua divulgação científica.

O caso *The Unabomber*³ foi, por muito tempo, uma das maiores e mais caras investigações feitas pelo FBI. A longa trajetória buscou identificar um terrorista que fazia críticas ao sistema social, político e econômico da época imposto pela industrialização mundial e que

³ O significado do termo será apresentado posteriormente. Apenas gostaríamos de salientar nossa opção, ao longo do texto de utilizarmos a expressão *The Unabomber* em língua inglesa como uma referência ao nome do caso e o termo *Unabomber*, sem o artigo definido em língua inglesa, para nos referirmos ao terrorista cuja identidade será revelada junto ao resgate histórico da LF como campo investigativo.

entre 1969 e 1995, produziu e enviou 16 bombas caseiras, matando 3 pessoas e deixando outras 23 feridas. Ainda que suas bombas não revelassem traços de sua possível origem ou localização, as pistas que auxiliaram na identificação do terrorista vieram de outro domínio da atividade humana: a linguagem. Ao revelar suas ideias e comunicar a autoria de seus atos em textos e outros fragmentos, o *Unabomber* deixava pistas linguísticas que, de maneira inédita, possibilitaram ao FBI conectar uma linguagem em uso ao seu falante e aos seus atos terroristas. Com o seu impacto, o caso tornou-se emblemático por revelar o potencial de estudo das intersecções da linguagem em uso no contexto de investigação; e a partir da grande fama do caso *Unabomber*, a LF passou a integrar mais casos investigativos na produção de perfis linguísticos e da atribuição de autoria.

O caso trouxe contribuições para a constituição e fortalecimento da LF como uma área que produz conhecimento a partir da investigação do uso da linguagem pelos falantes tanto dentro do ambiente jurídico quanto dentro de uma investigação criminal, sendo este um dos traços essenciais da LA que tornam a LF um de seus campos de pesquisa, já que busca as aproximações entre o linguista e o jurista, revelando como funciona a perícia policial através do uso da linguagem em textos orais e escritos. E ainda, o estudo busca oferecer um panorama que integre a origem dos estudos em LF no exterior e seu crescente interesse no contexto brasileiro. Desta forma, o presente artigo está organizado em cinco etapas, iniciadas com este preâmbulo. A próxima etapa busca por aproximações do campo da Linguística Forense a partir de um olhar da Linguística Aplicada voltada para os desafios da vida social contemporânea. Em seguida, apresentamos uma revisão conceitual do termo *Linguística Forense* das últimas duas décadas visando criar inteligibilidades (MOITA LOPES, 2006) deste campo investigativo estabelecendo não apenas seus interesses, mas áreas

de atuação. E para complementar essa discussão, apresentamos o caso *The Unabomber*, em uma retrospectiva histórica que, ao mesmo tempo em que ilustra o desdobramento do caso, contextualiza o leitor sobre o fortalecimento da Linguística Forense a partir de seu caso mais emblemático.

A Linguística Forense como campo em potencial da Linguística Aplicada

Inicialmente, para entendermos o nosso objeto de estudo – a linguagem em uso – precisamos compreender o que é a linguagem e o que é a língua. A linguagem é uma característica humana capaz de criar toda a realidade como conhecemos, é por meio da linguagem que nomeamos, adequamos, criticamos, compreendemos, imaginamos, pensamos de forma consistente e criamos sentido para a realidade. De acordo com Fiorin (2013):

A linguagem é uma atividade simbólica, o que significa que as palavras criam conceitos e eles ordenam a realidade, categorizam o mundo. Por exemplo, criamos o conceito de nascer do sol. Sabemos que, do ponto de vista científico, não existe nascer do sol, uma vez que é a Terra que gira em torno do Sol. Contudo, esse conceito, criado pela linguagem, determina uma realidade que nos encanta a todos. (FIORIN, 2013, p. 17)

A linguagem constitui a atividade humana de estabelecer sentido à realidade de forma eficiente para que haja comunicação, para que as pessoas consigam compreender suas vivências reais por um mesmo conceito básico. A expressão da linguagem é variada e pode se manifestar ou por meio das artes, como a pintura, dança, fotografia, caracterizando uma linguagem visual, ou por meio do teatro, da escrita, caracterizando uma linguagem verbal, utilizando a língua. Isto é, a língua é uma ferramenta da linguagem, organizada de maneira sistematizada, que utilizamos para dizer o que pensamos, o que vemos, o que sentimos, onde estamos, o que queremos, do

que gostamos, o que vivenciamos, etc. A língua é variável e em cada idioma há um mecanismo de expressão da linguagem diferente, o que pode gerar perspectivas variadas sobre uma mesma coisa a depender da lente que usamos.

Ao assumirmos que a linguagem explica, gera sentido e cria a realidade, concluímos que o uso da linguagem é essencial ao raciocínio lógico e a formação da consciência, e então, desenvolvemos a comunicação social e definimos a organização social (PETTER, 2019), isto é, a moldagem dos discursos que determinam o funcionamento de uma sociedade, que definem as normas de convivência, o que é ou não moral e ético, o que é ou não justo e tudo que delinea o funcionamento da sociedade é realizado pela interação verbal das pessoas (a cultura, a política, as relações interpessoais ou institucionais).

A Linguística Aplicada (LA) é, hoje, uma área do conhecimento que contempla a linguagem como agente social e tem como objeto o uso da linguagem, investigando como as pessoas interagem nos diferentes contextos sociais, levando em consideração todos os participantes do ambiente delimitado. No entanto, para compreendermos como a LA se tornou uma ciência autônoma e estabeleceu um objeto de pesquisa específico é preciso um breve panorama histórico desse campo.

A LA surge na década de quarenta nos Estados Unidos da América em meio ao cenário de comunicação entre os países durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e também no Pós-Guerra, com programas de ensino de línguas estrangeiras, especialmente do inglês, que contribuíram para a ascensão do poder imperialista estadunidense sob outros países (CELANI,1992). Em 1946, foi implementada pela primeira vez, a disciplina de Linguística Aplicada na *University of Michigan* e se expande para a Europa nos anos de 1960. No Brasil, já nos anos de 1970, é implementado o primeiro programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

(LAEL) na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) sob a coordenação de Maria Antonieta Alba Celani, com foco principal no Ensino e Aprendizagem de Língua materna e estrangeira (BRITO; GUILHERME, 2013). Posteriormente, em 1990, a LA se estabelece como área do conhecimento no Brasil com a fundação da Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB).

Contudo, por muito tempo a LA foi considerada uma subárea da Linguística Teórica (LT), sendo encarada como uma aplicação simples e direta das teorias postuladas pela Linguística, considerando que a jovem LA utilizava, de fato, diversos conceitos da LT em seus estudos sobre ensino e aprendizagem de línguas, como na comparação sistemática de duas línguas com a finalidade de apontar possíveis dificuldades de ensino e aprendizagem (BRITO; GUILHERME, 2013), ou na busca por descrições linguísticas que explicavam o funcionamento e organização de um determinado idioma. Porém, com cursos de pós-graduação em LA dentro e fora do Brasil, os novos pesquisadores notaram que a nova área poderia ir muito além da LT e até mesmo da temática de Ensino e Aprendizagem de Línguas já que, a partir de um caráter *interdisciplinar*, a LA consegue transitar e dialogar com diferentes áreas do conhecimento com a autonomia de produzir um conhecimento específico que as outras áreas do diálogo até então não produziam. Celani (1992) nos lembra que “a partir de [...] uma redefinição sempre nova para cada novo conjunto de problemas, a LA adquire uma autonomia organizacional que lhe justifica o uso do nome como área de direito próprio” (CELANI, 1992, p.19); tal redefinição para cada novo problema é resultado da capacidade da LA de dialogar com várias áreas do conhecimento que contribuem para a compreensão e alternativa para tais problemas.

A partir dos anos 1990, na promessa do mundo globalizado e o ensino e aprendizagem da língua inglesa disseminado em diferentes

países, a LA se vê na necessidade de criticar a realidade social através do uso da linguagem, principalmente nos seus mecanismos de dominação e desigualdade social, e algumas vertentes passaram a instigar essas visões mais críticas do mundo desigual no pós-guerra fria.

Ao instituir que o uso da linguagem é o agente que produz sentido e significado para os fatos, passa a ser responsabilidade de linguistas (aplicados) enxergar a realidade com olhos problematizadores através da análise de bases ideológicas, políticas e culturais e usufruir dessa posição – de linguistas (aplicados) – para sugerir alternativas pela própria utilização da linguagem nos mais variados contextos e situações. Para Pennycook (1998), a razão da mudança brusca, proposta por uma parte dos próprios linguistas aplicados, apoia-se no impulso de olhar para o seu próprio ambiente, afinal, todos estamos situados em um espaço social, cultural, político, histórico e que está repleto de problemas, dificuldades e questões que talvez possam ser esclarecidas a partir de pesquisas linguísticas específicas. O autor ainda acrescenta que “isso requer que rompamos com os modos de investigação que sejam a-sociais, a-políticos e a-históricos” (PENNYCOOK, 1998, p. 43), isto é, para que seja possível pensar uma realidade criticamente, é fundamental que os estudiosos se afastem de uma visão conservadora, elitizada e superficial da realidade, e investiguem dado contexto a partir de uma conduta humanista, que busca compreender a vivência daquele ambiente atento a sua sustentação, que problematiza os discursos que abarcam este contexto capaz de promover caminhos para uma mudança de pensamento e comportamento socialmente engajada.

Nessa perspectiva, emerge uma Linguística Aplicada Crítica que se preocupa, além do ensino e aprendizagem de línguas, com a produção e enunciação do discurso e seu reflexo na vida social.

No Brasil, A LA Crítica adquire um caráter ainda mais específico, por exemplo, como as relações de ensino e aprendizagem da língua inglesa eram (e continuam sendo) realizadas e os interesses econômicos por detrás disso, o papel social de atentar como línguas estrangeiras e a própria língua materna foram e continuam sendo usadas para criar sentidos em diversas situações de uso, ou como manter ou rejeitar determinadas relações de poder. De maneira geral, segundo Menezes, Silva e Gomes (2009) a LA brasileira se divide em três áreas de investigação: 1) Linguagem e educação, em que se trabalha as questões de ensino e aprendizagem de língua materna e estrangeira; 2) linguagem, trabalho e leis, que abrange a comunicação em ambientes institucionais e a Linguística Forense e; 3) linguagem, informação e efeitos, que aborda a Análise do Discurso Crítica (Fairclough), a tradução e a interpretação. Mas vale ressaltar, no entanto, que as possibilidades de atuação da LA são muitas e várias delas extrapolam essa visão tríade dos autores.

Ainda nos anos 1990, junto ao período de consolidação e implementação da LA como uma disciplina autônoma, independente da LT, ampla, diversa e crítica em seu espaço de pesquisa, um outro conceito brevemente citado anteriormente aparece para caracterizar o fazer científico da Linguística Aplicada, a *interdisciplinaridade*. Se queremos investigar o uso da linguagem em diversos contextos sociais, diversos fatores igualmente sociais irão atravessar a pesquisa, sendo necessária a participação de outras disciplinas nessa busca, além do constante diálogo com diferentes campos do conhecimento que se interessam pela linguagem. Vejamos, por exemplo, o que Moita Lopes (1998) diz sobre o papel interdisciplinar de fazer LA neste período:

O linguista aplicado, partindo de um problema com o qual as pessoas se deparam ao usar a linguagem na prática social e em um contexto de ação, procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, que possam ajudar a esclarecê-

la. Isso quer dizer que a pesquisa em si é aplicada, isto é, ocorre no contexto de aplicação, e não se faz aplicação em LA. Elaborar-se, assim, uma compreensão teórica de natureza interdisciplinar ao colocar-se o problema de estudo na “fronteira de duas ou mais ciências [, o que] as obriga a somarem seus esforços para, redefinindo o objeto, criarem uma nova perspectiva científica.” (MOITA LOPES, 1998, p. 102).

Nessa linha, em 1995 no Brasil, grandes debates sobre o risco da perda de um objeto de pesquisa próprio da LA, decorrentes da interdisciplinaridade, surgiram. Serrani (1990) explica que a noção de empréstimo de conceitos à LA é equivocada já que a linguagem atravessa as fronteiras de todas as outras áreas do conhecimento, e afirma que é a partir do uso da linguagem que se é possível produzir outros conhecimentos complexos até mesmo dentro de outras áreas científicas. Percebe-se, então, que a língua é um fenômeno humano imprescindível a vários outros; por exemplo, a história não existe porque o ser humano está sujeito a evolução fisiológica e intelectual, mas porque somos capazes de falar uma ou mais línguas (SERRANI, 1990). Além disso, a partir das ideias de Moita Lopes (2006)⁴ e Pennycook (1998) sobre a necessidade de uma LA comprometida com a transformação social, Guattari (1992) argumenta que dentro das Ciências Humanas é sempre necessário a participação de outras disciplinas, no entanto, esse diálogo interdisciplinar acontece de forma superficial, sem força para realmente impactar em uma transformação de mentalidades e, conseqüentemente, em novos comportamentos sociais, persistindo na produção de uma ciência imóvel e conservadora. Ou seja, é necessário que a Linguística Aplicada deixe de ser *interdisciplinar* e

⁴ Moita Lopes (2006) estipula ainda um outro conceito para definir o trabalho da Linguística Aplicada, a *Indisciplinaridade*, em que pontua a abrangência do uso da linguagem em todas as esferas do social, não se limitando à área das Ciências Humanas ou da Linguística. E em Moita Lopes e Fabrício (2019) esta questão é retomada no exercício da LA sempre em busca de uma *proximidade crítica*.

se torne *transdisciplinar*, capaz de atravessar as fronteiras de outras disciplinas científicas.

A *transdisciplinaridade* é, neste caso, uma ferramenta de amplificação das “vozes do Sul” (MOITA LOPES, 2006) dentro da pesquisa científica, que foge da construção de um sujeito científico eurocêntrico e uniforme e passa a refletir um sujeito fragmentado, heterogêneo e múltiplo dentro de sua própria história, sendo mais do que um ponto de encontro entre áreas e trocas de conceitos, mas um estudo qualificado e abrangente, capaz de fluir por todos os espaços de forma responsiva com a vida social. A transdisciplinaridade em Linguística Aplicada é um termo que define o mecanismo da pesquisa científica dessa área que tem como base a linguagem, que se projeta em múltiplas disciplinas em torno do objeto em questão e ainda ultrapassa a esfera disciplinar de cada uma (CELANI, 1998).

Atualmente a pesquisa em Linguística Aplicada é articulada e guiada por quatro direcionamentos (MOITA LOPES, 1998)⁵ que podem ser resumidos em: 1) definição de uma problemática advinda do uso social ou institucional da linguagem; 2) necessidade de um contexto específico e complexo em decorrência da sua prática ou ação social; 3) a pesquisa é feita sem aplicação de conhecimento prévio, uma vez que cada contexto requer medidas de análises e estudos variados levando em consideração os seus participantes e; 4) a pesquisa tem como finalidade principal o retorno para o ambiente pesquisado e para os seus participantes e, posteriormente, os resultados se voltam para a comunidade acadêmica. Estes quatro pontos são interligados e demonstram um grande compromisso com a atividade social, buscando auxiliar na resolução de problemas reais, que impactam diretamente a vida de seus participantes, portanto, é crescentes nos

⁵ Estes direcionamentos eram cinco e foram postos por Moita Lopes (1998), mas interpretados e compactados aqui em apenas quatro.

estudos atuais temáticas que muitas vezes são considerados tabus, mas que estão presentes na vida das pessoas de maneira efetiva, como performances de gênero, sexualidade, raça, classe social, entre outros (MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019), a ampliação dos estudos em LA acontece de forma organizada e as pesquisas sobre ensino e aprendizagem de línguas não são deixadas para trás, mas passam a considerar os fatores externos que interferem no ensinar de professores/as e no aprender de estudantes, como a origem sociocultural, as questões raciais e de gênero. Com isso, se torna forte a tendência de pesquisas em LA dentro também das Ciências Sociais e não somente das Ciências Humanas, como acontece na Linguística Teórica⁶.

A Linguística Forense e o caso *The Unabomber*

O crescimento da Linguística Aplicada junto do olhar crítico e de um sujeito heterogêneo, e por isso, com amplas possibilidades de objetos de estudo nos mais variados contextos, sobretudo em instituições oficiais, como em escolas, hospitais, associações, empresas e até em delegacias e tribunais, fomentam o caminho de uma nova área de atuação, a *Linguística Forense* (ALMEIDA; COULTHARD; SOUSA-SILVA, 2020; COULTHARD; JOHNSON. WRIGHT, 2017; COLARES, 2016; GIBBONS; TURELL 2008; OSTERMANN, 2008; PÁDUA, 2020; OLSSON, 2008; VICHI, 2021). Ela tem o potencial de analisar e investigar o uso da linguagem em dois contextos específicos, complexos e complementares, o da Lei e o Criminal, obtendo um retorno principal para o auxílio nos processos judiciais e na investigação criminal. Dentro da LA, a LF se torna uma vertente de estudo muito ativa e dialógica, tendo em vista que mesmo antes da intitulação da LF como uma área, já vinham sendo feitas pesquisas dentro do campo

⁶ Nota-se aqui mais um distanciamento entre a Linguística Aplicada e a Linguística Teórica.

jurídico, especialmente com análise da conversa em interrogatórios policiais, análise de sentenças, leis e outros textos jurídicos. Por exemplo, em uma pesquisa feita por Ostermann (2008), a autora explicou que buscava compreender e diferenciar as relações de poder e gênero entre duas instituições responsáveis para lidar com casos de violência contra a mulher, uma delegacia e um centro feminista de intervenção. Os resultados de sua pesquisa apontam que a forma discursiva dos policiais na delegacia demonstrou forte distanciamento e falta de acolhimento para as vítimas. Todavia, já no centro feminista, foram observadas na prática discursiva a compreensão e o amparo. Dessa forma, a pesquisa ilustrou como os discursos são construídos de maneiras diferentes a partir de diferentes contextos institucionais e diferentes relações de poder. A realidade é que a Linguística Aplicada, pela maneira como trata a linguagem e seu uso pelas pessoas, pode realizar pesquisa em qualquer contexto social, e o ambiente jurídico e criminal se torna um rico campo de análise para os linguistas aplicados.

Com o crescente desenvolvimento da LA no Brasil, sobretudo com a vinda do Professor Emérito Richard Malcolm Coulthard para o país e na divulgação científica da área por todo o Brasil, novos linguistas aplicados se tornaram entusiastas da Linguística Forense e cada vez mais vemos trabalhos sendo feitos por pesquisadores (as) brasileiros (as) que dialogam com a área.

Para definir melhor o que é a Linguística Forense precisamos entender que ela pode se dividir de duas formas, (1) no seu sentido Lato Sensu: “Forense” do Latim *forum*, que se refere a uma abrangência de campos de estudo, pesquisa e atuação que se voltam para a vertente da Linguagem e Direito, como a da Linguagem da Lei, a Linguagem em Interações em Contextos Legais. (2) No seu sentido Stricto Sensu: “Forense” do inglês *forensic*, que é a LF restrita ao estudo, pesquisa e atuação da investigação criminal, muito comum em países de língua

inglesa. Ainda que haja essa bifurcação, as definições para o conceito da área são estáveis, como veremos no quadro a seguir. Foram selecionadas seis definições de trabalhos dos últimos quinze anos, publicados tanto no Brasil quanto no exterior, dentro da Linguística Forense que propõem definições e conceitos gerais de atuação da área e do linguista forense.

QUADRO 1: lista de definições de Linguística Forense.

Autores	Definição	Sentido
GIBBONS; TURELL (2008)	Em sua definição mais ampla e aceita, tem muitos aspectos. As principais áreas de estudo incluem: a linguagem escrita da lei, particularmente a linguagem da legislação; discurso jurídico falado, particularmente a linguagem dos processos judiciais e interrogatórios policiais; as questões de justiça social que emergem da linguagem escrita e falada da lei; o fornecimento de provas linguísticas, que podem ser divididas em provas de identidade/autoria e provas de comunicação; o ensino e aprendizagem da linguagem jurídica falada e escrita; e tradução e interpretação jurídica. (p.1). ⁷	Lato sensu e Stricto sensu
OLSSON (2008)	Em seu sentido mais amplo, podemos dizer que a Linguística Forense é a interface entre linguagem, crime e lei, onde a lei inclui aplicação da lei, questões judiciais, legislação, disputas ou procedimentos legais, e até mesmo disputas que envolvem apenas potencialmente alguma infração da lei ou alguma necessidade de procurar um remédio legal (p.3). ⁸	Lato sensu

⁷ In its now widely accepted broader definition, has many aspects. Major areas of study include: the written language of the law, particularly the language of legislation; spoken legal discourse, particularly the language of court proceedings and police questioning; the social justice issues that emerge from the written and spoken language of the law; the provision of linguistic evidence, which can be divided into evidence on identity/authorship, and evidence on communication; the teaching and learning of spoken and written legal language; and legal translation and interpreting (p. 1)

⁸ In its broadest sense we may say that Forensic Linguistics is the interface between language, crime and law, where law includes law enforcement, judicial matters, legislation, disputes or proceedings in law, and even disputes which

COLARES (2016)	Os linguistas forenses são mais frequentemente requisitados para ajudar o Judiciário a responder a uma ou ambas as seguintes questões: o que um dado texto “diz” e quem é o autor? Ao responder estas questões, <i>os linguistas se fundamentam nas técnicas e conhecimentos derivados de uma ou mais subáreas da Linguística Descritiva: Fonética e Fonologia, Lexiconomia, Sintaxe, Semântica, Pragmática e Análise do Discurso e do Texto.</i> [...], também dentro da análise linguística forense existem duas subclasses distintas de especialistas, <i>foneticistas forenses e linguistas forenses.</i> (p.18, grifos nossos)	Lato sensu
COULTHARD; JOHNSON; WRIGHT (2017)	Os linguistas forenses não se limitam a descrever e demonstrar práticas institucionais poderosas; eles também procuram transformá-las, seja criticando a linguagem judiciária em periódicos jurídicos, trabalhando com policiais para aumentar sua compreensão de sua própria fala profissional, ou fazendo o difícil trabalho de dar pareceres especializados como testemunhas na corte. (p.13) ⁹	Lato sensu e Stricto sensu
ALMEIDA, COULTHARD, SOUSA-SILVA (2019)	Por muito tempo, tal interesse ficou circunscrito à “linguagem legal” (ou “linguagem jurídica”) em si mesma, até que surgiu um movimento interdisciplinar e multidisciplinar em torno do emprego da análise linguística como ferramenta passível de auxiliar policiais na instauração e resolução de investigações criminais, advogados na preparação de seus casos e juízes na sua tomada de decisão. Tal aplicação da Linguística tem sido chamada de Linguística Forense (p.3, grifos nossos)	Lato sensu e Stricto sensu
VICHI (2021)	A Linguística Forense se utiliza dos métodos e conceitos da Linguística Aplicada e de forma específica da Análise do Discurso, em contextos legais, para produzir evidências que auxiliem na investigação criminal. (p.29, grifos nossos)	Lato sensu e Stricto sensu

(Fonte: elaborado pelos autores a partir dos conceitos dos autores listados)

only potentially involve some infraction of the law or some necessity to seek a legal remedy (p. 3).

⁹ Forensic linguists do not stop at describing and demonstrating powerful institutional practice; they also seek to transform it, whether by critiquing judicial language in law journals, working with police officers to increase their understanding of their own professional talk, or doing the difficult job of giving expert opinion as a witness in court (p. 13).

Notamos que em todas as seis definições o conceito da LF aparece como uma área que utiliza a linguagem como objeto e como ferramenta de estudo no contexto jurídico e legal, seguindo o sentido *Lato Sensu* do termo, que a amplifica de diversas maneiras. Seguindo os ideais da LA, a Linguística Forense problematiza o uso da linguagem no foro, na legislação ou na interação legal e busca solucioná-los de forma ativa; em outras palavras, a LF tem como propósito a busca por esclarecimentos linguísticos diversos no âmbito legal e institucional. No livro “*Linguagem e Direito: Caminhos para a Linguística Forense*”, organizado pela professora Dra. Virgínia Colares (2016), nos deparamos com alguns capítulos onde há análises de sentenças, análise da construção de narrativas em interrogatórios, análises para detecção de plágio, análises de processos, entre outros, que demonstram a presença da Linguística Aplicada e da Linguística Forense em consonância, uma vez que tais pesquisas são problematizadoras do uso da linguagem no meio jurídico e criminal e buscam auxiliar nas melhorias necessárias dentro do campo.

Desta forma, podemos sintetizar que o uso da LF de forma ampla (*lato sensu*) acontece justamente pela Corte utilizar a linguagem como principal ferramenta de trabalho, ou seja, é pelo uso da linguagem que são escritas e decretadas as leis e definidas cláusulas contratuais; é pelo uso da linguagem que um policial interroga um suspeito; é pelo uso da linguagem que advogados e/ou promotores defendem seus clientes, logo, é gigantesca a forma que um linguista poderá atuar. Já quando restringimos a Linguística Forense em seu sentido estrito (*stricto sensu*), sobretudo no Brasil, percebemos uma grande lacuna: há baixíssimo investimento em ciências forenses e no setor investigativo em geral, não havendo grandes possibilidades de emprego, seja por falta de concursos para peritos de todas as áreas, seja por falta de incentivo público. A nomeação de um perito é feita pelo (a) juiz (a)

da região; até 2015¹⁰ não havia exigência no Código de Processo Civil (CPC) que o (a) perito (a) nomeado tivesse formação superior na sua área de perícia, isto é, era obrigatório apenas o Ensino Superior Completo (PÁDUA, 2020).

A perícia criminal é uma área muito extensa e conta com profissionais de diversas áreas para a solução de um caso. As áreas mais comuns de perícia são a perícia do local do crime, que busca encontrar vestígios ou do feitor do crime ou detalhes sobre o que realmente aconteceu; a medicina legal, onde os profissionais da área buscam avaliar de que forma um indivíduo morreu e se é compatível ou não com os relatos de testemunhas ou suspeitos. E também há perícia dentro da área contábil e financeira, que busca esclarecer crimes sem violência, como a lavagem de dinheiro, desvio de impostos, de colarinho branco, entre outros. Com estes exemplos fica nítida a abrangência das possibilidades de perícia criminal, a participação de determinadas áreas variam com o tipo de delito, a linguística forense, nesse caso, seria requisitada em casos onde há material linguístico a ser analisado para a comprovação de um crime ou a localização de um perfil suspeito, como a atribuição de autoria de um texto¹¹.

Apesar das dificuldades para a perícia e da recém chegada da LF em contexto nacional, a Linguística Forense nos países de língua inglesa (Grã-Bretanha e Estados Unidos) já vinha se desenvolvendo e conquistando espaço internacional com a criação da Associação Internacional de Linguística Forense (AILF) em 1993, que promove a Conferência Internacional Bienal de Linguística Forense; com o desenvolvimento da revista internacional *Language and the Law* em 1994, hoje sob a editoração do Professor Malcolm Coulthard e pelo Pesquisador português Rui Sousa-Silva e; com o início da produção

¹⁰ Lei nº 13.105 de 16 de Março de 2015. Art. 465 do Código de Processo Civil.

¹¹ A atribuição de autoria surge como uma vertente de estudo linguístico muito comum na Filologia, por exemplo, na atribuição de autoria em textos Bíblicos.

acadêmica em 2003 com o livro *Forensic Linguistics: An Introduction to Language in the Justice System* de John Gibbons.

Mesmo com a LF tomando amplitude por volta dos anos 1990 no mundo, o primeiro uso do termo *Forensic Linguistics* teve ocorrência em 1968 no artigo *The Evans Statements: A Case for Forensic Linguistics* em que o linguista sueco Jan Svartvik analisa a declaração de confissão de Timothy John Evans sobre o assassinato de sua esposa, Beryl Evans, e sua filha, Geraldine Evans. Contudo, este caso não é tão simples e o início da Linguística Forense se dá pela curiosidade de Jan Svartvik em investigar e detectar sutilezas na linguagem utilizada na declaração de Timothy, que naquele momento já tinha sido concluída. Ainda que o primeiro uso do termo “Forensic Linguistics” seja sobre o caso Evans, ele não foi o mais emblemático. O caso que levou a Linguística Forense a ser melhor conhecida e estudada por pesquisadores internacionalmente foi o caso *The Unabomber*, o mais caro e mais longo do Departamento Federal de Investigação dos Estados Unidos (FBI) durante décadas.

Esta história começa no dia 25 de maio de 1978, quando um embrulho foi encontrado pelo segurança Terry Marker, no estacionamento da *Northwestern University*, na cidade de Evanston – EUA. A encomenda tinha como remetente o diretor do Instituto de Tecnologia da Universidade, contudo, o pacote se tratava de uma bomba malfeita que explodiu nas mãos do segurança. Um ano depois, no dia 09 de maio de 1979, uma caixa embrulhada foi deixada pelos correios sobre uma mesa na *Northwestern University* na espera de que alguém a abrisse para mais uma explosão. A bomba não era sofisticada, mas já havia melhorias se comparada com a primeira, utilizando baterias e explosivos de projétil. Em novembro de 1979, mais um pacote-bomba foi deixado pelos correios em um voo com 80 passageiros da American Airlines (voo #444) e com a explosão

o avião fez um pouso forçado e felizmente não houve vítimas. Entre os anos de 1979 a 1995 uma pessoa “fantasma” produzia e enviava pacotes-bomba pelos correios, escolhia vítimas em universidades e companhias aéreas, resultando no nome *Unabomber (University and Airline bomber)*. O apelido foi dado pelo FBI, e o autor das bombas foi procurado por 18 anos sem que ninguém soubesse ou tivesse pistas concretas sobre quem ele era, mesmo deixando 23 feridos, 3 mortos e pânico ao redor de todo o país.

As únicas pistas que o FBI tinha eram a localização das explosões, sendo as primeiras registradas no estado do Colorado e só depois de alguns anos é que apareceram pacotes-bomba em universidades na Califórnia e em Utah. Em análises dos destroços das bombas, observaram que havia uma placa de metal com as iniciais “FC” em todas elas, sugerindo que fossem as iniciais de quem estivesse por trás dos ataques e, além disso, todas as caixas eram feitas de um mesmo tipo de madeira. Além disso, não havia marcas de digitais ou fios de cabelo nas bombas, pelo menos até a primeira morte, em 1985, quando o *Unabomber* passou a implantar pelos pubianos de outras pessoas para confundir o FBI.

Ainda em 1985 foi feita uma análise comportamental do *Unabomber* com base na sua forma de operar os atentados e com isso foi criado o primeiro perfil de suspeito pelo FBI: homem branco, entre 18-25 anos que se sentia à vontade no campus universitário, pois talvez estudasse lá. Este perfil foi complementado quando, em 1987 em Salt Lake City, Utah, uma funcionária de uma loja de eletrônicos, viu um homem deixando uma caixa no estacionamento da loja pouco antes de uma explosão. O homem usava um casaco de moletom com capuz, óculos ao estilo aviador, usava bigode e tinha os cabelos da cor loiro avermelhado; baseado na descrição da funcionária, foi feito o famoso retrato-falado do *Unabomber* pela artista Jeanne Boylan.

Porém, depois de ter sido visto, o terrorista doméstico passou os próximos seis anos sem enviar nenhuma bomba, mas realizando testes e aprimorando seus pacotes, retornando em 1993.

Em 1993, o *Unabomber* escreveu para o jornal *The New York Times* uma carta datilografada requerendo os créditos pelos seus atentados. Tal carta trazia ao FBI mais indagações sobre quem estava por trás dela, como por exemplo, qual era a máquina de escrever que ele utilizava, qual era o tipo do papel, qual era o selo ou se havia marcas de DNA no envelope ou no papel. No entanto, a única coisa que foi encontrada nesta carta foi uma marca no papel que dizia “Ligar para Nathan R. quinta-feira, 19 horas”. Com isso os agentes do FBI procuraram todos os Nathan R. que estavam pela região, mas na verdade, foi um funcionário do correio que tinha escrito um bilhete em cima da carta enviada pelo *Unabomber* e a investigação parecia ter estagnado.

Os anos de 1994 e 1995 foram decisivos para a resolução do caso, pois ocorreram mais duas mortes causadas pelas bombas e em abril de 1995 o *Unabomber* enviou mais uma carta ao jornal *The New York Times* dizendo que havia escrito um manifesto que em breve seria encaminhado, exigindo que fosse publicado pelo jornal. Em junho do mesmo ano, o manifesto de 35.000 palavras intitulado *Industrial Society and Its Future* (A Sociedade Industrial e o seu Futuro), foi enviado para o *The New York Times* e para o *The Washington Post* junto à ameaça de que, caso o manifesto não fosse publicado, uma bomba seria colocada em um voo saindo do *Los Angeles International Airport* (LAX). Inicialmente o FBI se negou a publicar o manifesto por acreditar não ser ético trazer a público nos maiores jornais do mundo um manifesto terrorista, entretanto, a publicação poderia ser relevante para descobrir a identidade do *Unabomber*, caso alguém identificasse

suas ideias ou padrão linguístico. Assim, no dia 19 de setembro de 1995 o manifesto de ideais anti-tecnológicos foi publicado.

O agente James R. Fitzgerald, perfilarador que entrou para o caso *The Unabomber* em julho de 1995, realizou a análise do material linguístico disponível do manifesto, junto ao linguista Roger Shuy, quando percebeu um linguajar comum dos anos de 1950, além de um uso da linguagem muito comum da área de Chicago (DAVIES, 2017). A análise revelou que o *Unabomber* não poderia ser um estudante entre 18 e 25 anos, mas sim um homem mais velho, de cerca de 30-40 anos de idade e com vínculos em Chicago, visto que demonstrava um estilo linguístico similar ao do jornal *Chicago Tribune*, similar ao estilo linguístico de Robert McCormick (1949-1954), um jornalista e ativista anti-guerra. Outra característica notada foi uma variação linguística relativa ao período de letramento do suspeito, como: “analyse” ao invés de “analyze,” “licence” ao invés de “license,” “wilfully” ao invés de “willfully,” e “instalment” ao invés de “installment”, usos que insinuam uma faixa etária superior aos 35 anos. A análise do manifesto gerou a elaboração de um novo perfil para o terrorista: homem, branco, entre 35-45 anos, com escolaridade (demonstra bom conhecimento da língua e tinha utilizado um padrão linguístico acadêmico de normas técnicas dos E.U.A), além de possuir inteligência acima da média.

Junto a isso, ao ler o manifesto no jornal *The Washington Post*, publicado em setembro de 1995, Linda Patrik, esposa de David Kaczynski, percebeu que o teor do manifesto, com ideias anti-tecnológicas, com brutas críticas sobre a sociedade industrial e apontamentos ao colapso social e ambiental iminente só poderiam ser de seu cunhado, Theodore (Ted) John Kaczynski, um eremita que morava em uma pequena cabana na floresta de Lincoln, Montana. Linda e David denunciaram Ted Kaczynski para o FBI junto a uma série de cartas pessoais escritas por Ted, para comparação linguística,

que revelavam a personalidade e o seu estilo de escrita. As análises linguísticas e comparações com o material fornecido por Linda e David resultaram em um mesmo padrão linguístico entre Ted e o *Unabomber*: uma mesma terminologia das palavras, um mesmo tempo e ritmo linguístico, além dos mesmos ideais anti-tecnológicos. Por exemplo, ambos defendiam que o corporativismo impactava negativamente no meio ambiente e na humanidade, seguindo o caminho da autodestruição. Mas um exemplo da análise que popularizou a identificação de que Ted poderia ser o *Unabomber* foi a utilização da expressão “*You can’t eat your cake and have it too*”, quando na vida cotidiana o comum de se dizer era “*You can’t have your cake and eat it too*”¹², caracterizando, assim, um idioleto bastante único de uso do inglês tradicional, de alguém que tinha um conhecimento mais formal da língua.

A comparação linguística, que até então não era considerada um mecanismo comprobatório de autoria criminal pelo FBI, já que o uso da linguagem não era uma área de atuação pericial evidente, foi o suficiente para que fosse feito um mandado de busca e apreensão (TURCHIE, 1996) à cabana de Ted, realizada no dia 03 de abril de 1996 com a ajuda de um vizinho.

Na cabana foi encontrado todo o material comumente utilizado nas bombas, um diário codificado onde era anotado o desempenho de cada bomba, relatos sobre a elaboração dos artefatos explosivos, de cada teste e uma lista de vítimas. Em seguida, encontraram livros de química que ensinavam a fazer explosivos, diários que contavam como era a sua vida como eremita e qual era a sua relação com seus vizinhos e livros sobre política e filosofia. Além disso, foi encontrado

¹² Em traduções livres: Você não pode comer o seu bolo e continuar a tê-lo. Você não pode ter um bolo e comê-lo. A expressão popular significa que não é possível fazer duas coisas ao mesmo tempo, ou fazer tudo que se quer na vida, às vezes é preciso escolher. Em língua portuguesa, um possível equivalente, para fins ilustrativos, é que não possível *assobiar e chupar cana*, como no título da conhecida canção de Benito de Paula.

um pacote-bomba debaixo da cama de Ted pronto para ser enviado para sua próxima vítima. Com provas suficientes contra Theodore Kaczynski, a pena para ele seria a de morte, mas com esforços da família, advogados e psiquiatras, ficou comprovado que Ted sofria de esquizofrenia e um forte transtorno de personalidade antisocial devido a experimentos psicológicos de que foi vítima durante a sua graduação em Harvard. O julgamento de Ted ocorreu dia 22 de janeiro de 1998 e ele foi condenado à prisão perpétua, sem possibilidade de condicional na Penitenciária de segurança máxima no Colorado. Ted raramente concede entrevistas e seu caso inspirou desde séries, filmes, livros e até documentários.

Ted Kaczynski nasceu no dia 22 de maio de 1942, na cidade de Chicago, Illinois. Sempre foi um aluno exemplar, de inteligência acima da média, aos 16 anos (1958) foi aceito como bolsista em Harvard, onde sofreu um experimento psicológico do psicólogo de Harvard, Henry Murray. Nos experimentos, ele foi exposto a alto estresse a partir de intensas sessões de humilhações e descrença no que o voluntário dizia. Ted entrou para o projeto que foi divulgado como grupo de debates filosóficos, mas tudo que os alunos defendiam nos debates era utilizado por Henry para humilhá-los e descredibilizá-los.

Em 1962, Kaczynski foi estudar na *University of Michigan*, onde conquistou o seu título de mestre e doutor em matemática, sendo bastante elogiado pelos professores por ser um sujeito incomum; passou a lecionar como professor assistente na *University of California* em 1967, mas, segundo o próprio Ted, lecionar nunca foi o seu objetivo, a sua vontade era acumular algum dinheiro para que ele pudesse vir para Lincoln viver como eremita nas montanhas.

Desde a graduação Ted tinha ideias anti-tecnológicas, conseguia analisar a sociedade e o meio ambiente e previa a destruição. Era fácil para Ted, desde os anos 50, assumir que a tecnologia consumiria a

humanidade, que nos tornamos reféns de nossa própria inteligência. Ao se mudar para a cabana, pensando estar se excluindo do mundo industrial, Ted se vê rodeado de madeiras, motocicletas e pesquisadores universitários, o revoltando ainda mais. Ele diz que os seus atos terroristas são algo pessoal, trata-se de uma vingança por ter sido aprisionado dentro do sistema capitalista e altamente tecnológico. Entretanto, o seu lado pessoal também é extremamente político, e se enquadra na ideologia neoludita¹³ e ecoanarquista. Ted fazia parte do *Freedom Club* (FC), sigla encontrada em suas bombas e na assinatura do manifesto, que unia ativistas e manifestantes que lutavam contra o sistema (tradução para Clube da Liberdade). Com a história do *Unabomber* na mídia, os jovens ativistas o adotaram como símbolo do movimento, desejavam a libertação de Ted e até que se tornasse presidente dos Estados Unidos.

Com base em todo o caso *Unabomber*, vemos aqui como a Linguística Forense foi essencial para a resolução do caso. Este foi o primeiro caso em que a LF foi utilizada em uma investigação criminal propriamente como recurso para fazer uma busca ao ser aprovado na corte americana e revelar a identidade do *Unabomber*. É também considerado um dos eventos da cultura popular que despertou o interesse de mais linguistas e investigadores de buscarem compreender melhor como o uso da linguagem pode identificar quem somos e como isso pode ser útil para diferentes campos de investigação.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho buscamos analisar o campo de investigação da Linguística Forense (LF) discutindo seu potencial para análise linguística e identificação de autorias a partir de como as pessoas interagem e se manifestam pela linguagem (em suas

¹³ Medo do futuro tecnológico.

multimodalidades). A discussão teve como ponto de partida uma retomada histórica da Linguística Aplicada como campo de estudo da linguagem em uso nos diferentes tipos de interação e como ela garantiu seu espaço independente de estudos da linguagem. Apesar de seu notado destaque ao contexto de ensino e aprendizagem de línguas, perspectivas críticas, interdisciplinares e transdisciplinares (BRITO; GUILHERME, 2013; CAVALCANTI; SIGNORINI, 1998; CELANI, 1992, 1998; MOITA LOPES, 1998, 2006; PENNYCOOK, 1998; MOITA LOPES; FABRÍCIO, 2019; SERRANI, 1990) mostram que os campos de atuação são muito variados, sendo um deles a esfera da vida profissional e do trabalho.

Nesta perspectiva, introduzimos a LF, discutindo como ela se mostra como um desses campos interdisciplinares e transdisciplinares de estudo. A retomada de conceitos e definições propostos por autores brasileiros e estrangeiros dos últimos quinze anos mostram o complexo trabalho do linguista forense e as intersecções de seu fazer científico frente aos campos do direito, da linguagem e perícia. Por fim, resgatamos o caso *The Unabomber* para ilustrar o papel essencial da LF na maneira como o FBI foi capaz de desvendar a identidade do terrorista doméstico a partir de pistas da linguagem e não de suas bombas. O mesmo manifesto de 35.000 palavras que revelou suas ideias foi o texto que permitiu o reconhecimento inicial de seus familiares e as posteriores análises de idioleto que perfilaram o *Unabomber* como sendo Ted Kaczynski. Assim como a frase de Kaczynski, era impossível conseguir fazer as duas coisas ao mesmo tempo: continuar aterrorizando e divulgando suas ideias. E por meio da Linguística Forense, o caso foi solucionado.

A partir disso, podemos concluir que a Linguística Forense é um campo novo no Brasil, se comparado com outros de estudos da linguagem, e demonstra cenários de expansão, tanto nas publicações

cada vez mais recentes (ALMEIDA; COULTHARD; SOUSA-SILVA, 2020; COLARES, 2016; COULTHARD; JOHNSON, WRIGHT, 2017; PÁDUA, 2020; VICHI, 2021), quanto na realização de eventos em nível nacional: I Simpósio de Linguística Forense da UERJ: Linguística Aplicada e Ciências Jurídicas (2017), I Congresso Brasileiro em Linguística Forense (2020) e I Simpósio Internacional de Linguística Forense (2021), apenas para citar alguns. No entanto, historicamente sua trajetória remonta tanto às análises pioneiras de Svartvik (1968) que culmina no nome da área quanto nas décadas de investigação do FBI no famoso caso *The Unabomber*.

O propósito deste trabalho é contribuir na direção de maior divulgação científica da área, ressaltando seu potencial de contribuição aos estudos da Linguística Aplicada brasileira que no contexto atual se volta aos desafios de viver em uma sociedade marcada por relações de poder injustas, desigualdades e ideologias diversas. Ao se debruçar sobre materialidades da linguagem, buscando conectar sujeitos aos enunciados (textos) que são elaborados, A LF se mostra com grande potencial de encontrar seu espaço merecido no amplo espectro de investigação e de perícia, de forma que em um futuro próximo, mais gerações de novos pesquisadores possam fazer parte do campo de uma Linguística Forense brasileira que soluciona os casos de seu país.

Referências

ALMEIDA, D; COULTHARD, M; SOUSA-SILVA, R. *Perspectivas em Linguística Forense*. Campinas: Setor de Publicações do IEL, 2020.

BRITO, C.C.P; GUILHERME, M.F.F. Linguística Aplicada e Análise do Discurso: possíveis entrelaçamentos para a constituição de uma epistemologia. *Cadernos Discursivos*, v.1, n. 1, p. 17-40, 2013.

CAVALCANTI, M.C; SIGNORINI, I. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

CELANI, M.A. Afinal, o que é Linguística Aplicada? *In*: CELANI, M. A. A.; PASCHOAL, M.S.Z. (orgs). *Linguística Aplicada: da Aplicação da Linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992. p. 15-23.

CELANI, M.A.A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. *In*. CAVALCANTI, M.C; SIGNORINI, I. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p.115-126.

CELANI, M. A. A.; PASCHOAL, M.S.Z. (orgs). *Linguística Aplicada: da Aplicação da Linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: EDUC, 1992.

COLARES. V. (org.). *Linguagem & Direito: Caminhos para a Linguística Forense*. Editora Cortez. São Paulo, 2016.

COULTHARD, M; JOHNSON, A; WRIGHT, D. *An Introduction to Forensic Linguistics: Language in Evidence*. Routledge, New York, 2017.

DAVIES, D. FBI Profiler says linguistic work was pivotal in Capture of Unabomber. *NPR*, 2017. Disponível em: <https://www.npr.org/2017/08/22/545122205/fbi-profiler-says-linguistic-work-was-pivotal-in-capture-of-unabomber>. Acesso em: 03 set. 2022.

FABRÍCIO, B; MOITA LOPES, L.P. *Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada*. *Calidoscópio*, v. 17, n. 4, p. 711-723, 2019.

FIORIN, J. L. *A linguagem Humana: do Mito à Ciência*. *In*: FIORIN, J.L. *Linguística? O que é isso?* São Paulo: Editora Contexto, 2013. p. 13-44.

GIBBONS. J.; TURELL. M.T (Eds.). *Dimensions of Forensic Linguistics*. (AILA Applied Linguistics Series, vol.5). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008.

GUATTARI. F. Fundamentos éticos-políticos da interdisciplinaridade. *Revista Tempo Brasileiro*, v. 108, p. 83-94, 1992.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. *In*:

PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MOITA LOPES, L.P. A transdisciplinaridade é possível em Linguística Aplicada? In: CAVALCANTI, M.C; SIGNORINI, I. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

OLSSON. J. *Forensic Linguistics*. Continuum International Publishing Group, 2008.

OSTERMANN. A.C. Análise da Conversa (Aplicada) como uma abordagem para o estudo de linguagem e gênero: O caso dos atendimentos a mulheres em situação de violência no Brasil. *Revista Athena Digital*, v. 14, p. 245-266, 2008.

PÁDUA, J.P. O Sistema Judicial Brasileiro e a Linguística Forense: Linguística para Juristas e Direito para Linguistas. In: ALMEIDA, D; COULTHARD, M; SOUSA-SILVA, R. *Perspectivas em Linguística Forense*. Campinas: Setor de Publicações do IEL, 2020. p. 08-26.

PENNYCOOK, A. A Linguística Aplicada dos anos 90: Em defesa de uma abordagem crítica. In: CAVALCANTI, M.C; SIGNORINI, I. (Orgs.). *Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 21-46.

PETTER, M. Linguagem, Língua, Linguística. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística: I. Objetivos Teóricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p. 11-24.

ROJO, R.; BARBOSA, J. *Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos*. Ed. 1. São Paulo. Parábola. Editorial. 2015.

SERRANI. S.M. *Transdisciplinariedade e Discurso em Linguística Aplicada*, *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 16, n. 1, p. 39-45, 1990.

SVARTVIK, J. *The Evans Statements: A case for Forensic Linguistics*. Goteborg: University of Goteborg, 1968.

TURCHIE, T.D. Affidavit of Assistant Special Agent in charge Terry D. Turchie. Federal Bureau of Investigation, US District of Montana. 03 de Abril de 1996. Disponível em: <https://web.archive.org/>

web/20081218190755/http://www.courttv.com/archive/casefiles/unabomber/documents/affidavit.html. Acesso em: 03 set. 2022.

VICHI, L. *Manual Básico de Linguística Forense: Da análise do Discurso ao Perfilamento em Investigações Criminais*. 2. ed. Rio de Janeiro, Alpheratz, 2021.

Recebido em: 04/09/2022

Aprovado em: 31/10/2022